



A agonia no Getsêmani: um estudo crítico textual de Lucas 22:43-44

**Agony at Gethsemane: a critical-textual study
of Luke 22:43-44**

Luan Henrique Gomes Ribeiro¹
Wilson Paroschi²

Resumo / Abstract



texto de Lucas 22:43-44 representa grande dificuldade textual às considerações a respeito da *Paixão de Cristo*. Isso ocorre porque o texto sugerido não pode ser encontrado nos melhores manuscritos que evidenciam os relatos no Getsêmani, como consta no evangelho de Lucas. Assim, a fim de considerar tal problemática, este artigo procura analisar alguns comentários dos Pais da Igreja do segundo século e sugestões de alteração escribal, a fim de constatar a história do texto problemático. Por fim, entende-se que o texto de Lucas foi uma legítima interpolação ocasionada por questões teológicas. Contudo, em vista da importância da tradição fundamentada sobre a ocasião descrita no texto e antiguidade do mesmo, o relato deve ser considerado verdadeiro.

Palavras-chave: Lucas 22:43-44; Crítica textual; Getsêmani; Agonia

¹ Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) e pós-graduando *lato sensu* em teologia bíblica pela mesma universidade. E-mail: lhgr21@gmail.com.

² PhD em Teologia do Novo Testamento pela Andrews University (2003) e pós-doutorado em Novo Testamento pela Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg (2011). Atua como professor na Faculdade Adventista de Teologia no Unasp. E-mail: wilson.paroschi@unasp.edu.br



uke 22: 43-44 brings great textual difficulties to the considerations about *The Passion of Christ*. This happens because this text cannot be found in the best manuscripts containing the story of Gethsemane as it is told in the book of Luke. Thus, to consider this issue, this article objectifies to analyze some comments of the Fathers of Church from the second century and some suggestions of scribes about changes on the writing so that the history of the text can be understood. At last, we conclude that this text was a lawful interpolation occasioned by theological needs. However, due to the important tradition based on the event described in the text and how old it is, the story should be taken as real. Keywords: Luke 22:43-44;

Keywords: extual criticism; Gethsemane; Agony



Ao longo da história cristã o relato da *Paixão de Cristo* tem sido o centro não somente da teologia, mas também da liturgia da igreja (BARBOUR, 1969-70, p. 231-251). Isso também é verdade em relação aos escritos dos próprios evangelistas, que dedicam uma considerável porção de seus relatos à prisão e morte de Jesus.

Como parte da narrativa, existe um episódio que é considerado o centro de toda a *Paixão de Cristo*: a oração de Jesus no jardim do Getsêmani. Todos os quatro evangelhos trazem esse relato (ver Mt 26:47-56; Mc 14:43-50; Lc 22:47-53; Jo 18:1-11), porém, apenas os sinóticos descrevem a difícil oração feita por Cristo, além do fracasso dos discípulos (ver Mt 26:36-46; Mc 14:32-42; Lc 22:39-46).

Entre as poucas diferenças e as muitas semelhanças entre os três evangelistas, um relato aparece como único: o suor de sangue produzido por Cristo e o anjo vindo do Céu para fortalecê-lo (Lc 22:43-44). A passagem de Lucas 22:43-44 pode ser considerada um “clássico” quando se fala em crítica textual e tradição da igreja. A passagem se demonstra problemática no aspecto textual, pois não aparece em boa parte dos melhores e mais antigos manuscritos disponíveis (P^{69, 75}, 01^{C1}, A, B, N, R, T, W, 0211, 13*, 579, 1071*, pc⁴, f, Syr^S, sa, bo, Hier^{mss}, arm, geo); assim como no aspecto teológico, pois tanto a presença como a ausência do texto altera de maneira drástica a visão

que Lucas tem de Jesus. De forma semelhante, há implicações no conhecimento cristológico que pode ser extraído do relato.

Em vista das divergências trazidas pelos manuscritos e pelos comentários dos Pais da Igreja, pode-se formular duas hipóteses experimentais: ou 1) o texto de 22:43-44 foi omitido do texto original de Lucas; ou 2) este foi até aqui transmitido através de uma interpolação. A partir destas hipóteses duas perguntas surgem de maneira inevitável: Lucas foi o autor do texto? Qual o motivo da omissão/interpolação do mesmo? O presente trabalho tem como objetivo tentar encontrar respostas para as duas questões, assim como fazer uma análise teológica sobre a relação da igreja contemporânea com a do passado. Através da análise das diferentes ideias e comentários relacionados ao texto e sua transcrição, assim como comparações gramáticas e teológicas, serão apresentadas algumas considerações sobre o problema proposto.

História do texto

A lista de testemunhas do referido texto podem ser organizadas da seguinte forma: 1) incluem os versos 43-44: \aleph^* , b, D, K, L, X, Θ , Δ^* , Π^* , Ψ , 0171, f1, 565, 700, 892*, 1009, 1010, 1071^{mg}, 1230, 1241, 1242, 1253, 1344, 1365, 1546, 1646, 2148, 2174, Byz, vg syr^{c, p, h, pal}, arm, eth, Diatessarone, e arm, i, n, Justino, Irineu, Hipolito, Dionísio, Eusebio Didimo, Jeronimo, e muitos outros pais da igreja; 2) incluem os versos 43-44 com asteriscos: D^c, P^c, 892^{mg}, 1079, 1195, 1216, bo^{pt}; 3) transpõem os versos 43-44 logo após Mt 26:39: f¹³; 4) omitem os versos 43-44: P69^{vid}, 75, Ka, A, B, N, R, T, W, 579, 1071*, pc, Lect^{pt}, it^f, syr^s, sa, bo^{pt}, arm^{mss}, geo, Marcion, Clement, Origen, MSS^{acc. para Hilary}, Athanasius, Ambrose, Cyril, John-Damascus.

De maneira geral é possível alegar que os manuscritos ocidentais trazem os versículos, ao passo que os de Alexandria o omitem.³ Mesmo que os manuscritos alexandrinos sejam considerados dignos de confiança, especialmente quando colocados em comparação com documentos ocidentais (WESTCOTT; HORT, 1896, v. 2, p. 66), não há necessidade de ser categórico ou precipitado ao afirmar que, no caso em questão, a discussão pode ser estabelecida com tais bases.

Günther Zuntz (1953, p. 55-56, 213-215), por exemplo, argumenta que documentos não alexandrinos lidos na tradição ocidental e bizantina

³ Para uma descrição mais detalhada dos manuscritos ver: B.D. Ehrman e A.Plunkett (1983, p. 402, 403).

possuem grande chance de ser genuínos (ver METZGER, 1968, p. 214). Por outro lado, é legítima a ideia de que muitos eruditos consideram Lucas 22:43-44 uma distorção textual vinda do Egito.⁴ Independentemente da preferência textual, a discussão acaba sendo conduzida em direção à escolha de uma ou outra escola.

A partir da análise das testemunhas, também é possível identificar uma data para a mudança do texto. Visto que a referência mais antiga para o texto vem antes do ano 160 d.C., com Justino Martir (DONALDSON; COXE, 1997, p. 251), e uma omissão posterior a 200-230 d.C. (p⁶⁹, p⁷⁵), é possível afirmar que, se o texto foi omitido, isso ocorreu antes de 230 d.C., e se inserido, antes de 160 a.C.

Probabilidades de transcrição

Quando se trata de um problema textual, a possibilidade de uma omissão acidental deve sempre ser levada em consideração. Neste caso, porém, a ocorrência de tal possibilidade de erro escribal é dificultada por várias razões.

Primeiramente, o tamanho do texto em questão (26 palavras) torna a possibilidade de que o escriba tenha intencionalmente alterado o texto, improvável. Turner (1957, p. 1-4) argumenta que erros dessa natureza devem ser considerados plausíveis apenas quando o intervalo não é longo. Além disso, não é possível encontrar nenhum tipo de *homoioleuton* (frases com finais semelhantes) no texto para que alguém tenha simplesmente confundido o texto com outro descrito algumas linhas abaixo. Igualmente, é difícil imaginar que uma passagem dessa importância fosse retirada do texto, mesmo que involuntariamente sem correção. Diante disso, a transcrição do texto é melhor compreendida como alterada de maneira consciente e deliberada.

Alguns autores têm sugerido que o texto teria sido omitido com o intuito de harmonizar os evangelhos (LAGRANGE, 1921, p. 563; DUPLACY, 1981, p. 79; BRUN, 1933, p. 276). Apesar da aparente solução do problema, não se encontra razão para acreditar em tal teoria por representar um exemplo sem precedentes, além de que, muitas outras diferenças foram deixadas no texto, como por exemplo: a tripla oração de Jesus ou a menção de Pedro, Tiago e João estando com Ele. Se, de fato, uma tentativa de harmonização tivesse sido feita, muitas outras alterações no texto seriam encontradas.

⁴ Uma lista dos eruditos que incluem e excluem os versos pode ser encontrada em Marshall (1978).

Como muitos autores têm sugerido, o problema textual de Lucas 22:43-44 deve ser entendido à luz das discussões teológicas dos primeiros séculos. De fato, essa ideia não é nova e pode ser remetida ao século 4 d.C. com Epi-fânio (*Ancoratus*, 31. 4-5):

[Essa passagem] é encontrada nas cópias não revistas do Evangelho de Lucas, e Santo Irineu usou seu testemunho em seu trabalho *Adversus Haereses* contra aqueles que dizem que Cristo [apenas] parecia se manifestar [na carne]. Mas aqueles que eram ortodoxos omitiram a passagem por medo, não compreendendo o seu propósito e grande força. Assim, “quando ele estava em agonia, Ele suou e o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue; E um anjo apareceu, fortalecendo-O”.

Da mesma maneira Hilário (350 d.C.) recorda em *De Trinitate* (10.41):

Certamente, não podemos nos esquecer de que em muitos manuscritos, em grego e em latim, nada é registrado da vinda do anjo e o suor como sangue. Então, alguém pode ter dúvida, se este, em diferentes livros, está ausente ou é considerado redundante – este é deixado indeterminado, por causa das diferenças nos livros. Algumas heresias utilizam as palavras para afirmar a fraqueza de Jesus, que precisava da ajuda de um anjo, mas, por favor, considere que o criador dos anjos não precisa desta proteção. [...] O suor de sangue é um testemunho contra a heresia, que fala falsamente de uma ilusão [do corpo de Jesus, docetismo], o suor manifesta a verdade do corpo.

57

Severo de Antioquia preserva uma declaração de Cirilo de Alexandria (375-444 d.C.), a partir de um trabalho perdido de outra forma. Severo escreve na “3ª carta do sexto livro das pessoas depois do exílio” para a “gloriosa Cesareia”:

Mas, a respeito da passagem sobre o suor e as gotas de sangue, saiba que nas divinas Escrituras e Evangelhos que estão em Alexandria esta não está escrita. Por isso também o Santo Cirilo no 12º dos livros escritos por ele em nome da religião de todos os cristãos contra o ímpio adorador de demônios, Julio, claramente declarou como segue: “Mas, desde que ele disse que o divino Lucas inseriu entre suas

próprias palavras, a afirmação de que um anjo apareceu e fortaleceu Jesus, e seu suor escorria como gotas de sangue ou sangue, deixe-o saber de nós que não encontramos nada deste tipo inserido na obra de Lucas, a não ser, talvez, que uma interpolação foi feita de fora, e que não é genuína. Os livros, portanto, que estão entre nós não contêm absolutamente nada desse tipo, e eu, portanto, acho que é uma loucura para nós dizer qualquer coisa a ele sobre essas coisas, e é supérfluo se opor a ele com base em textos que de maneira nenhuma foram escritos, e se o fizermos, seremos condenados a ser ridicularizados, e isto será justo”. Nos livros, portanto, que estão em Antioquia e em outros países a passagem está escrita, e alguns dos pais a mencionam, entre os quais Gregório, o Teólogo, fez menção desta mesma passagem, na segunda homilia sobre o Filho, e João, bispo de Constantinopla, na exposição composta por ele sobre a passagem: ‘Meu Pai, se possível, passa de mim este cálice.’

58

A partir do quinto século, os dois textos já haviam sido amplamente divulgados e as escolas optavam pelo texto mais curto ou mais longo de acordo com suas preferências e tradições textuais, motivo pelo qual não podem ser utilizados textos posteriores para comprovar a autenticidade dos versículos em questão, ao menos não sem incorrer em anacronismo. É interessante, porém, o fato de que ao longo dos seguintes séculos a versão mais longa de Lucas foi aceita. Anastácio Sinaíta (ou do Sinai) prolífico escritor eclesiástico, padre, monge e abade do Mosteiro de Santa Catarina (do Sinai), no século 7 d.C., escreve (*Viae Dux*, 22.3):

Pois mesmo se alguém tentar adulterar os livros de uma ou até mesmo duas línguas, imediatamente sua fraude é refutada pelas outras setenta línguas. De qualquer forma, esteja ciente de que alguns tentaram apagar as gotas de sangue, o suor de Cristo, do Evangelho de Lucas e não foram capazes. Porque aqueles que não possuem a seção são refutados por muitos e vários evangelhos que a possuem, pois em todos os evangelhos das nações o relato continua a existir, e na maioria daqueles [manuscritos] em grego.

Já na época da Reforma vemos que Lutero não apenas incluiu a passagem em sua tradução, mas também comentava os versículos de maneira livre:

Como é grande o sabor da dor da morte que podemos discernir em Cristo, quando disse: “A minha alma está profundamente triste até à morte” [Mt 26:38]. Considero estas como as maiores palavras em todas as Escrituras, embora também seja uma grande e inexplicável coisa que Cristo clamou na cruz: “Eli, Eli” [Mt 27:46]. Nenhum anjo compreende quão grande coisa é que Ele tenha suado sangue [Lucas 22:44]. Isto ocorreu com o sabor e temor da morte (HARITAGE, 1997, c1996).

Também Calvino em seu comentário cita livremente os versos, contudo, mais do que isso, ele introduz um argumento que, quase 1400 anos depois da primeira referência que temos do texto, via o sofrimento de Cristo como algo repulsivo. Ele diz: “Aqui, pessoas ignorantes se levantam e exclamam que teria sido indigno Cristo ter medo de ser engolido pela morte. Mas eu desejo que eles respondam a esta pergunta: que espécie de surdo eles supõem que tenha sido aquele [Deus] que extraiu de Cristo gotas de sangue?” (CALVIN, 2002).

De fato, assim como nos dias de Calvino, algumas características do texto poderiam ofender os cristãos dos primeiros séculos. Primeiramente, um anjo fortalecendo a Jesus poderia gerar problemas quanto a sua divindade. O fato de estar em profunda agonia e suar sangue poderiam fortalecer a ideia ariana a respeito da natureza de Cristo; por fim, a intensa oração de Jesus para que o “cálice” fosse passado adiante poderia facilmente colocar a voluntariedade de Jesus ao ir para a cruz em descrédito.

Da mesma maneira a interpolação do texto seria, nas palavras de Westcott e Hort, “adequado para citações em controvérsias contra doutrinas docéticas e apolinarianistas” (WESTCOTT; HORT, 1896, v. 2, p. 64). De fato, deve-se considerar o fato de que as três mais antigas citações preservadas de Lucas 22:43-44 são colocadas diretamente contra fortes heresias cristológicas: Justino Mártir (Dia, 103.8) e Irineu contra docetistas (*Adv. Haer.*, 3.22.2) e Hipólito contra um patripassionista (*Contra Noetum*, 18.2).

Em vista das evidências apresentadas acima, há de se considerar mais uma questão: qual leitura é melhor entendida como sido originada em meio às discussões teológicas do segundo século? Como observado por Ehrman e Plunkett, “a preocupação teológica do Cristianismo ortodoxo do segundo século era a afirmação da verdadeira humanidade de Jesus em face de diversas vertentes da heresia docética” (EHRMAN; PLUNKETT, 1983, p. 407).

Outro fator decisivo é que os Pais que citam os versículos são autores ortodoxos tentando, de maneira incisiva, combater heresias. É pouco

provável que o trabalho de exclusão do texto por autores não ortodoxos, defendendo ideias contrárias, teria ganhado vasta aceitação em escolas que não sofreram influências docéticas, como por exemplo, Alexandria. Caso o texto seja considerado como uma omissão, haveria ainda outra dificuldade: se o texto foi realmente omitido por motivos teológicos, por que outros textos que tratam da natureza humana de Jesus continuaram inalterados? E também: como grupos considerados hereges vieram a ter tanta influência na tradição textual?

Em vista da presença e ausência do texto de Lucas 22:43-44 nos vários manuscritos preservados, torna-se impossível determinar qual leitura deveria ser considerada autêntica. Quando recorremos aos pais da igreja vemos os que citam o texto o fazem no combate a conhecidas heresias da época, e que sua utilização como referência era temida por alguns, e defendida por outros com base em sua relevância.

Quando a discussão é analisada à luz das tensões teológicas do segundo século, vemos que o texto é melhor compreendido como uma interpolação, quase tão antiga quanto o próprio evangelista.

Análise do texto

Dados os devidos comentários a respeito dos manuscritos relacionados ao texto de Lucas 22:43-44 o trabalho avança em direção às evidências internas, não apenas dos versículos em questão mas também do Evangelho de Lucas como um todo. Assim, será feita uma análise léxica dos versos e, então, uma análise teológica dos mesmos.

Vocabulário e estilo

A primeira referência do versículo 43 é feita em relação a um anjo, que desce do Céu para confortar a Jesus. A referência a anjos dentro da literatura lucana pode ser vista em várias passagens (ver Lc 1 e 2; 12:8, 9; 15:10; 24:23; At 5:19; 8:26; 10:3, 7, 22; 11:13; 12:7, 23; 23:9; 27:23) demonstrando certa preferência pelo tema. É notório, porém, o fato de que estes são descritos como “de Deus” (ver 12:8, 9; 15:10; At 10:3; 27:23) ou “do Senhor” (ver 2:9; At 5:19; 8:26; 12:7,23) e nunca “do Céu”. Além disso, em outras partes do Evangelho, os anjos só aparecem nas histórias de nascimento e ressurreição; ademais, em nenhuma outra aparição em Lucas ou Atos um anjo permanece em silêncio (EHRMAN; PLUNKETT, 1983, p. 409). Tais

fatores conduzem o pesquisador a um único paralelo, que pode ser visto nas primeiras palavras do versículo 43, em comparação com Lucas 1:11: “E eis que lhe apareceu um anjo [ὄφθη δὲ αὐτῷ ἄγγελος]”.

Existem três *hapax legomena* no texto (ἀγωνία, ἰδρῶς e θρόμβοι), ou seja, 11,5% do total do texto, comparados a um total de 1,1% em Lucas. Tal concentração de *hapax legomena* pode comprometer qualquer reivindicação de uma linguagem típica de Lucas, o que também é argumento a favor de uma interpolação, pois Lucas é amplamente conhecido por seu vocabulário singular (ver Lc 4:8; 6:38; 10:34). O que pode ser dito é que, nesse caso, reivindicações de uma “linguagem característica” são ineficazes para ambos os lados da discussão.

O aspecto mais evidente na análise do texto é que este se torna mais claro quando entendido sem os versículos 43 e 44. Não é necessária, neste caso, uma leitura no texto grego para que se evidencie a interrupção que os versículos trazem. Na ordem do relato de Lucas, Jesus chega ao Getsêmani, ordena que os discípulos orem, afasta-se deles, ajoelha-se e, então, ora a Deus. Dessa forma, encontramos um parêntese, uma interrupção na narrativa, que do contrário descreve Jesus se levantando e voltando aos discípulos (v. 45), aquilo que era esperado dele.

Aspectos teológicos

Como dito anteriormente, somente o Evangelho de Lucas nos traz o relato do auxílio angelical e de Jesus suando sangue. Sem dúvida o episódio retrata Jesus sofrendo de uma maneira inimaginável, tanto mentalmente, devido a sua ἀγωνία, quanto fisicamente, podendo ser facilmente identificado em seu suor tornando-se sangue.

Em vista de tanto sofrimento, devemos nos perguntar se era do interesse de Lucas apresentar Jesus sofrendo. Deve-se levar em consideração que a pergunta não é se Jesus sofreu, o que é um fato bem estabelecido e vastamente trabalhado nos Evangelhos, mas se Lucas tinha o interesse de apresentar esse aspecto da vida de Cristo. Na tentativa de identificar tal relação (Evangelho de Lucas e o tema do sofrimento) será feita uma análise comparativa do texto de Lucas com os demais sinóticos.

Na cena do Monte das Oliveiras, Lucas omite as palavras de Jesus “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mc 14:34; ver Mt 26:38), assim como não diz que Cristo estava “tomado de pavor e de angústia” (Mc 14:33). No Getsêmani, Jesus se ajoelha para orar (Lc 22:42), ao contrário dos demais evangelistas que descrevem Jesus “caindo com o rosto em terra” (Mc 14:35; cf. Mt 26:39). Em Lucas, Jesus ora ao Pai apenas uma vez, mas

nos demais evangelhos, três. “Ao reduzir à uma a tripla oração de Marcos, Lucas dá a impressão de que Jesus sabia imediatamente o que estava por vir e que era a vontade de Deus. Ele não estava atordoado, como em Marcos. Lucas reformulou a história de Marcos de tal modo, que Jesus tivesse uma maior capacidade de resistência e obediência” (NEYREY, 1980, p. 158). Em Lucas, Jesus não ora para que a “hora” lhe fosse poupada (Mc 14:35), assim como adiciona “se queres”, no lugar de “se possível” (Mc 14:36).

No momento de sua prisão, Jesus não permite que Judas o beije (Lc 22:47-48), diferentemente dos outros Evangelhos (ver Mc 14:45; cf. Mt 26:49). Jesus conversa com mulheres durante a *via dolorosa* e as aconselha que não chorem por Ele (Lc 23:28-31). Lucas é o único que descreve Jesus perdendo seus executores (Lc 23:34) e conversando com os dois demais crucificados (Lc 23:39-43).

Por fim, em vez do alto clamor “meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Mc 15:34), Jesus clama “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23:46) e, com total controle de si, mesmo da hora de sua morte, Cristo, sem nenhum grito adicional (Mc 15:37; Mt 27:50), morre.

Em vista do fato de que Jesus se demonstra calmo e com o domínio da situação, Lucas 22:43-44 aparenta ser um intruso, teologicamente falando, no Evangelho de Lucas. Se os versículos são originais, somente nessa ocasião Cristo seria descrito com tanta dor; somente nesse momento Ele perde o controle e se aproxima de sua morte com medo.

A partir do estudo da linguagem do texto vemos que não encontramos paralelos estilísticos perfeitos em relação ao restante da literatura lucana, e que devido ao seu peculiar estilo literário, não há como manter um posicionamento na discussão. Aliás, deve-se considerar também que o texto é claramente mais coerente quando o verso 45 é lido na sequência do verso 43.

Lucas não possui a preocupação de apresentar a Cristo sofrendo, pelo contrário, Jesus é amiúde descrito como possuidor de total controle das situações, fazendo com que os versículos em discussão aparentem ser intrusos ao texto.

Avaliação

Após reconhecer que as evidências apontam na direção que compreende o texto como uma interpolação, resta analisar as implicações teológicas de tal leitura. A primeira e mais importante questão que surge é: se o texto não foi escrito por Lucas o relato pode ser considerado como verdadeiro? A

resposta para essa pergunta pode variar de maneira drástica de acordo com a forma que o intérprete se aproxima do texto.

Como analisado anteriormente, a referência mais antiga que temos é proveniente, pelo menos, do ano 165 d.C., ano da morte de Justino Martir. Contudo, isso não significa necessariamente que outros já não houvessem citado a passagem, e principalmente que esta não fosse conhecida. Implica-se apenas que não pode ser comprovada através dos manuscritos e que o texto já era usado anteriormente.

A falta dos manuscritos, porém, não impede a afirmar de que o texto necessariamente deveria ser conhecido de maneira prévia. Seria impossível considerar estes versículos como um mero produto da criatividade dos escribas (PLUMMER, 1896, p. 509). Tamanha mudança seria facilmente percebida e rejeitada pela comunidade da época.

Mesmo quando os textos alexandrinos são tratados, deve-se ter em mente que, possivelmente, eles tenham rejeitado o texto não pela falta de veracidade no relato, mas pelo simples fato de que o texto primeiramente não se encontrava em meio as palavras de Lucas e que, pelo bem da originalidade do texto, este devesse sobreviver de outra maneira.

Não seria correto desvalorizar de maneira apressada as tradições mais antigas à disposição. Estas nos trazem não somente o modo como os cristãos dos primeiros séculos enxergavam a Bíblia (o que é por si só uma grande fonte de conhecimento), mas também eventos sobre a vida da comunidade, dos apóstolos, e até do próprio Cristo. Seria insensato desconsiderar o aviso deixado ao final do Evangelho: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem” (Jo 21:25).

Não somente nesse caso, mas em vários outros, podemos identificar a influência da tradição apostólica dentro do texto bíblico. Em Atos 20:35 Paulo fala aos presbíteros da igreja de Éfeso, advertindo-os a “recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: melhor é dar do que receber”. Mas onde pode ser encontrado dentro dos Evangelhos canônicos Jesus dizendo tal coisa? Da mesma forma, existem as referências de 1 Coríntios 7:10 e 9:14, onde palavras que não encontram nenhuma correspondência exata com os textos evangélicos são atribuídas a Jesus. “Conquanto Paulo afirme que a essência do evangelho, ele não a havia recebido ‘de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo’ (Gl 1:12), as referências que faz às declarações de Jesus certamente foram obtidas junto às tradições orais ou fragmentárias que circulavam na igreja apostólica” (PAROSCHI, 1999, p. 101-102).

Não somente Paulo, mas também Lucas declara que “muitos houve que empreenderam uma narração coordenada”, e que esta foi transmitida a ele desde o principio, através de “testemunhas oculares” (Lc 1:1-2). Muito daquilo que Jesus fez e falou foi preservado e transmitido de forma oral e escrita, mesmo que fora dos Evangelhos. Isso se comprova nas palavras de Eusébio, falando a respeito de Papias que este “julgava que não poderia obter tanto proveito da leitura dos livros quanto da viva voz dos homens que ainda viviam” (PAROSCHI, 1999, p. 101-102).

Da mesma maneira, os versículos em questão possivelmente tenham sido um fragmento de alguma tradição, seja esta escrita ou oral, que foi por algum tempo, em algum lugar, anotada à margem de algum Evangelho canônico, e que sem dúvida incluíam em sua narrativa um alto grau de autenticidade e valor intrínseco (PLUMMER, 1896, p. 509). Por fim, devemos entender que, nas palavras de Plummer (PLUMMER, 1896, p. 544):

pouco importa se Lucas incluiu os textos em sua narrativa, contanto que a autenticidade destes seja reconhecida como tradição evangélica. Neste contexto, a passagem é como aquela que diz respeito à mulher apanhada em adultério. [...] Nós não precisamos ter nenhuma hesitação em mantê-la como uma genuína parte da tradição histórica. A história é verdadeira, quem quer que tenha escrito ela.

64

Considerações finais

Considerando toda a argumentação proposta ao longo do trabalho, pode-se chegar a pelo menos cinco conclusões: 1) os versículos 43 e 44 de Lucas 22 são omitidos em diversos manuscritos antigos, principalmente da família alexandrina, marcados com asteriscos em outros, e transpostos dentro do evangelho de Mateus em ^f13; 2) a discussão é melhor entendida quando vista em relação às discussões teológicas do segundo século, e neste sentido o texto é compreendido como sendo uma interpolação, feita provavelmente por razões teológicas; 3) discussões a respeito de uma linguagem lucana não conduzem a nenhuma conclusão plausível, sendo verdade que, posto dentro de sua perícopes, os versos devem ser considerados no mínimo como uma quebra no texto, um parêntese na narração; 4) a figura de Jesus apresentada nos versículo 43 e 44 não está de acordo com o restante do Evangelho, que

apresenta Cristo sempre de maneira calma, com o controle dele mesmo e da situação, sem medo da morte; e 5) em vista de sua antiga data e clara importância dentro da tradição cristã, o relato deve ser considerado verdadeiro, e um resgate feito por escribas do segundo século, salvando uma história, que de outra maneira teria sido esquecida. E a estes escribas a nossa gratidão. ✍

Referências

BARBOUR, R. S. Gethsemane in the Tradition of the Passion. **New Testaments Studies**, v. 16, 1969-70.

BRUN, L. Engel and Blutschweiss: Lc 22; 43-44. **Biblische Zeitschrift**, v. 32, p. 112-116, 1933.

CALVIN, J. **Calvin's Commentaries**. Galaxie Software, 2002.

DUPLACY, J. La préhistoire du texte en Luc 22:43-44. In: METZGER, B. M.; EPP, E. J.; FEE, G. D. (Ed.). **New Testament textual criticism: its significance for exegesis: essays in honour of Bruce M. Metzger**. Oxford: Clarendon, 1981.

65

EHMANN, B. D.; PLUNKETT, A. The angel and the agony: the textual problem of Lk 22:43-44. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 45, p. 402, 403, 1983.

EHRMAN, B. D.; PLUNKETT, M. A. The angel and the agony: the textual problem of Luke 22:43-44. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 45, n. 20, p. 401-416, 1983.

HERITAGE of great evangelical teaching: featuring the best of Martin Luther, John Wesley, Dwight L. Moody, C.H. Spurgeon and Others. Nashville: Thomas Nelson, 1997, c1996.

LAGRANGE, M.-J. **Evangile selon Saint Luc**. 2. ed. Paris: Lecoffre, 1921.

MARSHALL, I. H. **The gospel of Luke: a commentary on the greek text**. Includes indexes. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978.

METZGER, B. M. **The text of the New Testament**. 2. ed. Oxford: Oxford University, 1968.

NEYREY, J. H. The absence of Jesus' emotions: the lucan redaction of Lk 22, 39-46. **Biblica**, v. 61, p. 153-171, 1980.

PAROSCHI, W. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PLUMMER, A. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Luke**. London : T&T Clark International, 1896.

ROBERTS, A.; DONALDSON, J.; COXE, A. C. (Ed.). **The ante-nicene fathers: translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325**. New York: Cosimo Cosmics, 1997. v. 1.

TURNER, E. G. Gospel According to St. Luke XXII. In: LOBEL, E. (Ed.). **Oxyrhynchus Papyri XXIV**. London: Egypt Exploration Fund, 1957.

WESTCOTT, B. F.; HORT, F. J. A. **The New Testament in the original greek**. London: Macmillan, 1896. v. 2.

ZUNTZ, G. **The text of the epistles: a disquisition upon the Corpus Paulinum**. London: Oxford University, 1953.

Enviado dia 14/01/2013

Aceito dia 11/03/2013

